

**POLÍTICAS  
CURRICULARES  
E AS INOVAÇÕES  
(NEO)CONSERVADORAS**

(TRANS)BORDAMENTOS,  
DESAFIOS E  
RESSIGNIFICAÇÕES

*Conselho Editorial Educação Nacional*

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP  
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP  
Profª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR  
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC  
Profª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp  
Profª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoes/Unicamp  
Profª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas  
Profª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp (*in memoriam*)  
Profª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS  
Profª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS  
Profª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp  
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR  
Profª. Dra. Vera Jacob – UFPA

*Conselho Editorial Educação Internacional*

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Profª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Profª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho  
Profª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján  
Profª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata  
Profª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
Ângela Cristina Alves Albino  
Franklin Kaic Dutra-Pereira  
Maria Zuleide da Costa Pereira  
Rute Pereira Alves de Araújo  
Saimonton Tinôco  
(organizadores)

**POLÍTICAS  
CURRICULARES  
E AS INOVAÇÕES  
(NEO)CONSERVADORAS**

(TRANS)BORDAMENTOS,  
DESAFIOS E  
RESSIGNIFICAÇÕES

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Políticas curriculares e as inovações (neo)conservadoras : (trans)bordamentos, desafios e ressignificações / organização Ana Cláudia da Silva Rodrigues...[et al.]. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Vários autores.

Outros organizadores: Ângela Cristina Alves Albino, Franklin Kaic Dutra-Pereira, Maria Zuleide da Costa Pereira, Rute Pereira Alves de Araújo, Saimonton Tinôco.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-599-8

1. BNCC – Base Nacional Comum Curricular 2. Educação – Currículos 3. Educação – Currículos – Aspectos sociais 4. Políticas curriculares I. Rodrigues, Ana Cláudia da Silva. II. Albino, Ângela Cristina Alves. III. Dutra-Pereira, Franklin Kaic. IV. Pereira, Maria Zuleide da Costa. V. Tinoco, Saimonton. VI. Araújo, Rute Pereira Alves de.

21-92274

CDD-372.981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Políticas curriculares : Educação 372.981

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final:* dos autores  
*bibliotecária:* Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2022**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO POR MUITAS MÃOS MESMO DISTANTES . . . . .	9
---	---

capítulo 1 UM CURRÍCULO PARA DOUGLAS E SUAS AMIGAS VIADAS: PRECARIIDADE E MICROPOLÍTICA QUEER NA INFÂNCIA. . . . .	17
<i>João Paulo de Lorena Silva e Marlucy Alves Paraíso</i>	

capítulo 2 OLHARES DOCENTES SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA . . . . .	33
<i>Ângela Cristina Alves Albino, Diego Miranda da Silva, Sheila Costa de Farias e Anne Karoline Cantalice Sena</i>	

capítulo 3 CURRÍCULOS-DOCÊNCIAS-MENORES E PESQUISAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES. . . . .	51
<i>Carlos Eduardo Ferraço e Marco Antonio Oliva Gomes</i>	

capítulo 4 O “CURRÍCULO MERCANTE” DA BNCC EM TEMPOS DE “DESENTENDIMENTO” E “ERA DO VAZIO”: PORQUE O ÓDIO PODE PARECER TÃO BOM! . . . . .	71
<i>Damião Rocha</i>	

capítulo 5	
A FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR E SUA RELAÇÃO COM A REFORMA DO ENSINO MÉDIO. . . . .	85
<i>Max Alexandre da Silva, Adriana Aparecida de Souza e Dante Henrique Moura</i>	
capítulo 6	
FLEXIBILIZAÇÕES CURRICULARES: DO QUE ESTAMOS FALANDO? . . . . .	97
<i>Antônio Ferreira e Lucília Vernaschi de Oliveira</i>	
capítulo 7	
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: ANÁLISES SOBRE AS INFLUÊNCIAS, DISPUTAS E NEGOCIAÇÕES NO PROCESSO DE SUA CONSTRUÇÃO . . . . .	111
<i>Gessica Mayara de Oliveira Souza, Nathalia F. Egito Rocha e Maria Zuleide da Costa Pereira</i>	
capítulo 8	
O DIREITO À EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DE PANDEMIA (COVID-19) NO BRASIL: PROJETOS DE FORMAÇÃO EM DISPUTA. . . . .	127
<i>Vanessa Campos de Lara Jakimiu</i>	
capítulo 9	
CURRÍCULOS OFICIAIS EM ANÁLISE (2010 E 2017): APRENDIZAGEM, AVALIAÇÃO OU COMPETÊNCIAS?. . . . .	143
<i>Natália Rubert Wolff Camy</i>	
capítulo 10	
O CURRÍCULO NA PERSPECTIVA DECOLONIAL E A REVERSÃO DE ESQUECIMENTOS E SILENCIAMENTOS . . . . .	157
<i>Josimere Serrão Gonçalves e Joyce Otânia Seixas Ribeiro</i>	
capítulo 11	
DIFERENÇA CULTURAL, POLÍTICA E CURRÍCULO: ENUNCIACÕES COM HOMI K. BHABHA. . . . .	169
<i>Jorge Luis Umbelino de Sousa, Jessýca Priscylla de Oliveira Nascimento e Ana Cláudia da Silva Rodrigues</i>	

capítulo 12	
A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO: QUESTÕES E TEMÁTICAS. . . . .	185
<i>Marcos Antonio Batista da Silva</i>	
capítulo 13	
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E CURRÍCULOS ANTIRRACISTAS: “O CAMINHO SE FAZ ENTRE O ALVO E A SETA. . . . .	199
<i>Michele Guerreiro Ferreira e Janssen Felipe da Silva</i>	
capítulo 14	
CURRÍCULO, DIFERENÇA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: PERCEPÇÕES DE DOCENTES SOBRE O CURRÍCULO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA. . . . .	215
<i>Maria Carolina da Silva Caldeira, Ana Luísa Alves e André Henrique Faria</i>	
capítulo 15	
A (RE) INTERPRETAÇÃO DA BNCC NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CARIRI PARAIBANO – DESAFIOS E RESSIGNIFICAÇÕES CURRICULARES . . . . .	229
<i>Rute Pereira Alves de Araújo, Rayane Pereira dos Santos, Kátia Patrício Benevides Campos e Crisliane Boito</i>	
capítulo 16	
LICENCIATURA EM QUÍMICA NO RECÔNCAVO BAIANO: DIÁLOGOS, OLHARES E REFLEXÕES SOBRE A EVASÃO . . . . .	245
<i>Mateus Fonseca dos Santos, Vinícius Moreira S. de Jesus e Rafaela dos Santos Lima</i>	
capítulo 17	
PROJETO DE VIDA (?): INFLUÊNCIAS E IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO PARAIBANO . . . . .	261
<i>Thamyres Ribeiro da Silva, Maria Beatriz da Silva Santos, Saimonton Tinôco e Franklin Kaic Dutra-Pereira</i>	

capítulo 18	
CURRÍCULOS BICHA": APAGAMENTO OU FAZIMENTO? . . . . .	277
<i>Cléber Neves Marques Júnior, Ana Thamis B. de Farias e Joseval dos Reis Miranda</i>	
capítulo 19	
POLÍTICAS DE CURRÍCULO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA . . . . .	291
<i>Francisca Helena Batista Ribeiro e Clívio Pimentel Júnior</i>	
capítulo 20	
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA E AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO. . . . .	307
<i>Lindaiva José de Freitas</i>	
capítulo 21	
A INVERSÃO DO VETOR DAS POLÍTICAS CURRICULARES E A ESTRUTURA DOCUMENTAL DO MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR DE FREIRE. . . . .	323
<i>Júlio César Augusto do Valle</i>	
capítulo 22	
O NÃO-LUGAR DA MULHER NEGRA NAS TIPOLOGIAS IMAGÉTICAS DOS TEXTOS CURRICULARES DO BRASIL E DA COLÔMBIA . . . . .	337
<i>Camila Ferreira da Silva</i>	
capítulo 23	
OS SABERES E AS CULTURAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS . . . . .	353
<i>José Diógenes dos Santos Filho, Matheus Vieira da Silva e Givanildo da Silva</i>	
capítulo 24	
OLHARES DOS CONTEXTOS ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS EM TESSITURA COM A INTERSECCIONALIDADE. . . . .	369
<i>Eunice Pereira da Silva</i>	
SOBRE AUTORAS E AUTORES DO(S) CURRÍCULO(S) . . . . .	383

## APRESENTAÇÃO POR MUITAS MÃOS, MESMO DISTANTES

2020... ano que o mundo parou pela chegada de um vírus desconhecido. A ciência voltou-se a estudar e identificar os desafios da doença causada pelo SARS-Cov-2, da família coronavírus; a economia ficou estagnada; a cultura e arte, vezes parada ou apenas de modo virtual; a Educação – e nós, que a fazemos –, não pudemos e nem tivemos o direito de parar. Reflexo da pandemia em meio ao caos político, que sustenta a necropolítica, o neoliberalismo e, sobretudo, a banalização da vida versus morte.

Reflexo também de um contexto neoconservador, que nos põe em xeque pensar sobre as adversidades da/na educação. E é neste sentido, ou melhor, de encontrar sentido, na tentativa de (trans)bordar, trazer à tona os desafios e pensar algumas ressignificações, que os textos deste livro se inserem.

Um livro que traz marcas, identidades, reflexões... Um livro que, por ser científico, apresenta, anuncia e denuncia, diversas histórias, memórias, pesquisas, culturas, diversidades, indagações, pensamentos, convergências e divergências de diferentes regiões do Brasil, sobre as *Políticas curriculares e as inovações (neo)conservadoras*.

Deste modo, pensamos este livro, para dar vida-voz-vez aos trabalhos que foram apresentados e discutidos no IX Colóquio

Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, sediado pela Universidade Federal da Paraíba, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Curriculares (GEPPC), no formato remoto, apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba - FAPESQ-PB. Por isso, aqui apresentam-se diversos textos, de modo que horas se imbricam, em outras se opõe.

De início, João Paulo de Lorena Silva e Marlucy Alves Paraíso, apresentam em seu texto *Um currículo para douglas e suas amigas viadas: precariedade e micropolítica queer na infância*, argumentam nas teorizações curriculares pós-críticas, que as crianças viadas que povoam o currículo escolar fazem da precariedade um lugar de alianças micropolíticas, desenhando as possibilidades de um currículo sensível e habitável para seus corpos e vidas.

Caminhando no livro, encontraremos o texto *Olhares docentes sobre a base nacional comum curricular em tempos de pandemia: uma experiência extensionista* de Ângela Cristina Alves Albino, Diego Miranda da Silva, Sheila Costa de Farias e Anne Karoline Cantalice Sena, em que apresentam um recorte das ações de um projeto de extensão que têm por objetivo desenvolver seminários formativos, a partir das expectativas e percepções dos docentes da educação básica, a respeito da política educacional vigente. Além disso, analisam o processo de socialização da produção da BNCC nas escolas de educação básica, por meio das vozes docentes, bem como, destacaram algumas competências importantes para a reflexão da prática pedagógica.

Encontramos no texto de Carlos Eduardo Ferraço e Marco Antonio Oliva Gomes, *Currículos-docências-menores e pesquisas com os cotidianos escolares*, as discussões sobre os cotidianos escolares, problematizando, a partir de um arcabouço pós-crítico de pensar-fazer currículo, as redes de saberes-fazer, que são tecidas pelos sujeitos praticantes e meio as multiplicidades de docências-currículos que acontecem nos cotidianos, a partir das teorias-práticas criadas por educadores e por estudantes.

Em *O 'currículo mercante' da bncc em tempos de 'desentendimento' e 'era do vazio': porque o ódio pode parecer tão*

*bom!*, Damião Rocha da Universidade Federal do Tocantis, discute a impossibilidade de um conhecimento poderoso ser consolidado na/pela escola com um currículo mercante imposto na Base Curricular e na Base de Formação, porque a polarização reforça o desentendimento e o vazio, tornando a área social, cultural, educacional. Destaca dessa forma, uma espécie de ringue belicoso de disputas de narrativas e de projetos, impossibilitando a construção de consensos mínimos no entorno da qualidade social referenciada de um currículo que faça justiça social na escola básica.

Max Alexandre da Silva, Adriana Aparecida de Souza e Dante Henrique Moura em: *A flexibilização curricular e sua relação com a reforma do ensino médio*, analisam a proposta de implantação das escolas de tempo integral, tendo como referência a Lei nº 13.415/2017, e suas implicações na flexibilização do currículo a partir da BNCC do ensino médio. Os autores constataam que a flexibilização do currículo de acordo com as novas regras da reforma do ensino médio, promovida nessa lei, fragiliza a formação, pois as escolas públicas estaduais não possuem as condições reais e necessárias para a efetividade da implementação da Reforma do ensino médio, impedida pela PEC do teto dos gastos EC nº 95/2016.

No texto *Flexibilizações curriculares: do que estamos falando?* Antônio Ferreira e Lucilia Vernaschi de Oliveira, compreendem que “refletir e falar sobre currículo é interagir com um artefato múltiplo, que agrega uma gama de definições”, por essa razão defendem que o processo de flexibilização curricular seja precedido por adaptações que subsidiem a flexibilização curricular.

No artigo intitulado *Base nacional comum curricular: análises sobre as influências, disputas e negociações no processo de sua construção*, Gessica Mayara de Oliveira Souza, Nathalia Fernandes Egito Rocha e Maria Zuleide da Costa Pereira, apresentam os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica no biênio 2016-2017 e de uma dissertação concluída no ano de 2016 cuja problemática anunciada evidencia que os professores não se sentiram participantes do processo de construção da BNCC e consideraram não dispor de condições para tal participação. Dentre

os dados construídos ao longo dessa pesquisa ficou evidente que há uma forte influência do setor privado nas políticas educacionais, especialmente nas que formam o corpus de análise dessa pesquisa.

Em seguida, encontramos a autora Vanessa Campos de Lara Jakimiu, com o texto *O direito à educação no contexto de pandemia (covid-19) no brasil: projetos de formação em disputa*, na qual apresenta um quadro teórico acerca dos desdobramentos da pandemia (COVID-19) para a garantia do direito à educação no Brasil. Desta forma, a autora constata que as iniciativas governamentais apresentadas diante do contexto de pandemia não só não avançam na garantia do direito à educação, como fazem o seu contrário, retrocedem.

Em *Currículos oficiais em análise (2010 e 2017): aprendizagem, avaliação ou competências?* Natália Rubert Wolff Camy discute o conceito de “Competências” mediante análise de alguns documentos oficiais, os resultados obtidos revelam uma descontinuidade nos conceitos de aprendizagem e avaliação enquanto isso o conceito de competência ganhou centralidade e destacou-se como ideário a ser seguido na educação brasileira.

Josimere Serrão Gonçalves e Joyce Otânia Seixas Ribeiro em *O currículo na perspectiva decolonial e a reversão de esquecimentos e silenciamentos*, fazem um cruzamento entre o longa-metragem “*Viva: a vida é uma festa*”, e algumas reflexões teóricas pertinentes para o contexto do currículo numa perspectiva decolonial, nesse sentido, o mundo é uma inesgotável diversidade de experiência, sendo, portanto, uma ecologia de saberes.

Jorge Luis Umbelino de Sousa, Jessyca Priscylla de Oliveira Nascimento e Ana Cláudia da Silva Rodrigues discutem em *Diferença cultural, política e currículo: enunciações com Homi k. Bhabha*, o pós-colonialismo como uma perspectiva epistemológica para problematizar as relações entre as minorias e seus movimentos de luta pela diferença cultural, para isso destacam, o pós-colonialismo presente na obra de Bhabha, como motor à compreensão da diferença cultural e categoria importante para problematizar a noção de diversidade cultural.

Trazendo para o centro das discussões curriculares, as relações étnico-raciais, Marcos Antonio Batista da Silva, se dispôs a discutir *A educação das relações étnico-raciais e o currículo universitário: questões e temáticas*. O autor indaga em seu texto quais desafios enfrentamos no estudo sobre raça e (anti)racismo em universidades públicas no Brasil? Além disso, questiona as práticas educacionais, pois como a construção do currículo têm procurado desafiar o paradigma eurocêntrico através das diferenças representadas pelas experiências históricas da população negra e dos povos indígenas? Tal estudo faz parte da revisão de literatura do projeto POLITICS - A política de (anti)racismo na Europa e na América Latina: produção de conhecimento, decisão política e lutas coletivas (2017-2022), em desenvolvimento, na Universidade de Coimbra.

Michele Guerreiro Ferreira e Janssen Felipe da Silva, discutiram sobre *Educação das relações étnico-raciais e currículos antirracistas: “o caminho se faz entre o alvo e a seta”*. Os autores, apresentam uma síntese dos resultados de uma década de estudos sobre Currículo e Educação das Relações Étnico-Raciais, na qual discutem o percurso histórico do contexto que desencadeou a política curricular para a educação das relações étnico-raciais, analisam como os sujeitos curriculantes concebem e enfrentam o racismo em suas práticas curriculares e, por fim, apontam elementos para um currículo antirracista.

Maria Carolina da Silva Caldeira, Ana Luísa Alves e André Henrique Faria apresentam em: *Currículo, diferença e educação especial: percepções de docentes sobre o currículo para estudantes com deficiência*, discussões reflexivas a partir da análise de grupos focais, em que são desveladas as concepções que docentes de uma escola pública federal de Belo Horizonte têm acerca do currículo e da inclusão. Partindo de uma perspectiva multiculturalista, o estudo defende que a deficiência é uma construção cultural, permeada por relações de poder.

Na sequência Rute Pereira Alves de Araújo, Rayane Pereira dos Santos, Kátia Patrício Benevides Campos e Crisliane

Boito, apontam em *A (re) interpretação da BNCC no contexto das práticas da educação infantil no cariri paraibano – desafios e ressignificações curriculares*, resultados iniciais de um projeto de pesquisa que tem início a partir de uma ação extensionista desenvolvida com professores que atuam na educação infantil de quinze municípios do Cariri paraibano, as autoras procuram entender como os documentos curriculares, da política nacional, reverberam e são (re) interpretados nesses contextos, tendo como base reflexiva o *Ciclo Contínuo de Políticas* de Stephen Ball, buscam superar o hiato entre produção e implementação curricular.

Mateus Fonseca dos Santos, Vinícius Moreira Sousa de Jesus e Rafaela dos Santos Lima, trazem no texto, *Licenciatura em química no recôncavo baiano: diálogos, olhares e reflexões sobre a evasão*, as dificuldades e a evasão encontrada e enfrentadas pelas instituições de ensino superior que ofertam cursos de Licenciatura em Química, sobretudo no Recôncavo da Bahia. Percebem que as dificuldades financeiras, acadêmicas, precariedade do ensino básico e perfil para a docência, são os propulsores para a desistência.

Sobre a Educação Básica, Thamyres Ribeiro da Silva; Maria Beatriz da Silva Santos; Saimonton Tinôco; Franklin Kaic Dutra-Pereira, apresentam no texto *PROJETO DE VIDA (?): influências e implicações no contexto paraibano*, as mudanças políticas e curriculares que estão acontecendo no estado da Paraíba, sobretudo nas escolas, com o Programa de Educação Integral Paraibano, que é um parceria resultante entre o público e privado. Desse modo, os autores analisaram de que modo a disciplina Projeto de Vida influencia nas escolhas, decisões, conquistas e/ou caminhos percorridos pelos egressos de uma Escola Cidadã Paraibana localizada no Sertão do estado.

Kléber Neves Marques Júnior, Ana Thamiris Batista de Farias e Joseval dos Reis Miranda, autores do texto *“Currículos bicha”: apagamento ou fazimento?*, apresentam os silenciamentos, apagamentos, despersonalização e constante vigilância, que a escola busca garantir que meninos-homens não sejam gays e,

menos ainda, afeminados, e garantem que o currículo é um de seus dispositivos garantidores. Nesse contexto, a partir da perspectiva pós-estruturalista dos estudos curriculares, refletem a possibilidade de um movimento que não está predito ou está unicamente alinhado ao “engajamento” de professores ou instituições escolares sobre as discussões de gênero e sexualidade como um conteúdo a ser abordado. Dessa forma, para os autores, os “currículos bicha” se fazem nos corpos dos gays afeminados que encontram nas “brechas” de poder-saber-subjetividade deixadas pelo discurso hegemônico sobre “ser homem” a possibilidade de formar instâncias discursivas que convocam a todos a pensar de outra forma.

A autora Francisca Helena Batista Ribeiro e o autor Clívio Pimentel Júnior, apresentam no texto *Políticas de currículo para o ensino de ciências: uma análise discursiva* a compreensão dos eventos políticos curriculares desde a perspectiva pós-estrutural e pós-fundacional da Teoria Política do Discurso (Laclau; Mouffe 2015), focalizando políticas voltadas ao ensino de ciências. Para tanto, realizam análises de textos relacionados a educação científica, cujo objetivo é conhecer as políticas curriculares (inter)nacionais que orientam as práticas de ensino de ciências, e desenvolver habilidades de organização de atividade em propostas de ensino baseadas nas abordagens.

Em *Alunos com deficiência e aulas remotas em tempos de pandemias: acessibilidade e inclusão*, Lindalva José de Freitas questiona se as atividades desenvolvidas em aulas remotas funcionam para os alunos com deficiência? De base no tripé da inclusão: “Acesso, Permanência e Aprendizagem”, a autora constata a partir de muitos depoimentos, constituintes da pesquisa, situações de vulnerabilidades, invisibilidade e acessibilidade dos alunos com deficiência, sejam elas de natureza sensorial intelectual, mental e físico, revelando assim o aumento nos níveis de desigualdade vividos pelas pessoas com deficiência em tempos de pandemia.

No artigo *A inversão do vetor das políticas curriculares e a estrutura documental do movimento de reorientação curricular de*

*Freire*, Júlio César Augusto do Valle, faz uma análise da política curricular inaugurada por Paulo Freire frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo na gestão Erundina. De acordo com o autor essa escolha permitiu uma possibilidade, se não singular, pelo menos rara, de que um intelectual, autor de uma teoria educacional densa e consistente, desempenhasse a função de administrador público de uma rede de escolas.

Camila Ferreira da Silva, no texto *O não-lugar da mulher negra nas tipologias imagéticas dos textos curriculares do Brasil e da Colômbia*, trata das tipologias imagéticas da Mulher Negra no não-lugar presentes nos Textos Curriculares do Brasil e da Colômbia. Filiada nas Abordagens Teóricas do Feminismo Negro Latino-Americano e dos Estudos Pós-Coloniais, na qual desafiam as estruturas de poder e de produção dos modos de ser, de pensar e de produzir conhecimento, colocando em xeque a racionalidade eurocêntrica e evidenciando outros modos de re-existir no sistema mundo capitalista/patriarcal/moderno/colonial ocidentalizado/cristianizado.

No texto *Os saberes e as culturas na educação de jovens, adultos e idosos*, os autores José Diógenes dos Santos Filho, Matheus Vieira da Silva e Givanildo da Silva, apresentam a reflexão sobre os saberes e as culturas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no contexto da escola pública e na atuação docente, fruto de um projeto de extensão, dialogando com os valores que há nas vivências, para a construção de uma educação democrática, acolhedora e inclusiva, que esteja ligada à vida dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar.

E no capítulo que encerra esse livro intitulado: *Olhares dos contextos étnico-raciais a partir dos estudos pós-coloniais em tessitura com a interseccionalidade*, Eunice Pereira da Silva, apresenta dados, de uma pesquisa em andamento, que intenta compreender de que formas a participação em atividades desenvolvidas em grupo de pesquisa contribuem para as(os) professoras(es) envolvidas(os) no enfrentamento do racismo em sala de aula, a partir dos dados iniciais se depreende que o projeto decolonial emerge do ativismo das Mulheres Negras enquanto projeto de reexistência tanto individual quanto coletiva.